

Sumário

<i>Capítulo 1</i>	Quando o poder chega à Igreja.....	9
<i>Capítulo 2</i>	Certo? Errado!.....	21
<i>Capítulo 3</i>	Palavras de sabedoria e conhecimento.....	41
<i>Capítulo 4</i>	Fé e cura.....	53
<i>Capítulo 5</i>	É um milagre!.....	75
<i>Capítulo 6</i>	Profecia e discernimento de espíritos	101
<i>Capítulo 7</i>	Quem disse que Deus disse?	125
<i>Capítulo 8</i>	O que é o dom de línguas?	141
<i>Capítulo 9</i>	Línguas e interpretação na Igreja	167
<i>Capítulo 10</i>	Deixe o seu dom encontrar você.....	185
<i>Apêndice A</i>	Diretrizes para ajudar na oração por enfermos	191
<i>Apêndice B</i>	Quando alguém que possui um dom cai.....	197
	Notas	201
	Leituras recomendadas	207

Quando o poder chega à Igreja

Sinto-me encorajado por algumas das coisas que vejo na Igreja hoje. A frequência aos cultos é alta, assim como a arrecadação de ofertas, na maioria das vezes. Há várias conferências acontecendo. As vendas de livros sobre a Bíblia e espiritualidade não param de aumentar. Pequenos grupos continuam a florescer. Os ventos da adoração estão soprando com fervor crescente. De modo geral, os cristãos estão se tornando mais ativos na arena pública e atualmente verbalizam suas crenças com maior intensidade. Portanto, posso afirmar que há coisas que me encorajam.

Em seguida, porém, olho mais profundamente para além da fachada de religiosidade, da atividade intensa e dos novos santuários de vinte e cinco milhões de dólares com bancos acolchoados. O que vejo é uma lacuna — muitas vezes um abismo — entre o que a Igreja é e o que ela deveria ser. Vejo a disparidade entre o que os cristãos dizem e o que fazem, entre o que sabem e o modo como vivem, entre o que prometem e o que cumprem.

Pregadores ensinam sobre a Bíblia e as pessoas roncam. Donas de casa compartilham sua fé, mas ela cai em ouvidos surdos.

Vidas são quebrantadas, porém raramente consertadas. Corpos estão sofrendo, mas poucos são curados. Casamentos estão morrendo e as pessoas simplesmente desistem. Diante das tentações, o pecado floresce. Os pobres estão famintos e assim continuam.

Não quero parecer pessimista em excesso. Algumas pessoas acreditam que estamos indo bem, mas a maioria dos que conheço admite que o impacto da Igreja sobre a espiritualidade de seus membros é lastimável e sua influência na sociedade em geral é mínima. Então, o que está errado?

Parece que todo mundo tem uma opinião, e a minha pode ser apenas mais uma de uma lista, ao que tudo indica, interminável. Mas estou convencido de que, pelo menos em parte, o problema é o poder, na verdade a ausência dele.

As minhas origens

Minha experiência de vida dentro da Igreja é um pouco incomum. Fui criado como um batista do sul dos Estados Unidos e nunca frequentei outra igreja até ir para o seminário, em 1973. Durante três anos servi como pastor interino de uma igreja presbiteriana, coisa nada fácil para um batista! Passei dezesseis anos em duas igrejas evangélicas independentes e mais sete anos em uma congregação Vineyard. Ensinei teologia em uma das principais faculdades cristãs de artes liberais (*liberal arts college*)* dos Estados Unidos, e durante quatro anos participei e ministrei em uma comunidade anglicana carismática. Nos últimos quatro anos, tenho servido como pastor sênior da Bridgeway Church em Oklahoma

* A filosofia de uma faculdade de artes liberais (*liberal arts college*) é uma característica única do sistema educacional norte-americano e oferece uma educação abrangente que desenvolve as habilidades orais, escritas e de raciocínio dos alunos. Os alunos numa faculdade do tipo *liberal arts*, ou numa universidade que cumpre um programa fortemente fundamentado numa educação tipo *liberal arts*, iniciam seu programa cursando várias disciplinas nas áreas de artes liberais, humanas, línguas e ciências sociais e físicas. Em seguida, eles escolhem uma área de especialização e realizam disciplinas que abrangem 25% a 50% do seu curso. Fonte: www.educationusa.info (N. do T.)

City, no Estado de Oklahoma. Vivo agora um momento no qual minhas suspeitas sobre o que está errado com a Igreja em geral se transformaram em sólidas convicções.

Minha conclusão é a seguinte: os problemas reais, as lutas dolorosas e o declínio da nossa influência não serão resolvidos com outra coisa a não ser uma nova infusão de poder — não qualquer tipo de poder, preste atenção, mas poder espiritual, o tipo de poder que a carne humana é incapaz de produzir, a formação acadêmica é incapaz de conceber, e para o qual programas reformulados são incapazes de criar estratégias. A Igreja precisa desesperadamente do poder do seu Senhor, e da energia e da atividade do Espírito Santo.

Embora até agora eu possa ter soado como um cético, na verdade estou esperançoso. Porque li o livro de Atos dos Apóstolos e vi operar nas vidas daqueles primeiros crentes algo que creio estar disponível igualmente para nós hoje. Há algo que nos liga ao êxito da Igreja Primitiva e sustenta a esperança de que podemos sair — e sairemos — da nossa letargia espiritual. Há algo que pode transformar boas intenções em ações capazes de transformar vidas, e uma teologia abstrata em um impacto concreto.

Estou falando dos dons espirituais. Os dons espirituais, ou carismas, são a resposta de Deus à pergunta humana: “Por que não podemos fazer isso?” Eles são a manifestação e o poder do Espírito Santo de Deus, por meio do qual Ele pretende conduzir a Igreja à plenitude do seu fim estabelecido.

Sei que corro o risco de ser mal interpretado. Muitos indicariam não a falta de poder, mas sim a imaturidade teológica abismal da Igreja como a fonte de suas dificuldades. Não tenho como argumentar contra isso. O analfabetismo bíblico e a ingenuidade teológica atingiram proporções epidêmicas na Igreja dos dias atuais. Mas só o conhecimento não é o bastante. Mera doutrina não será suficiente. O que a Igreja precisa é a verdade inflamada

pelo poder do Espírito Santo. A Igreja necessita da energia divina do próprio Deus fazendo com que o que sabemos norteie o modo como vivemos, oramos, amamos e testemunhamos. E não vamos nos esquecer de que o próprio ensino é um dom espiritual, uma manifestação do poder do Espírito tão importante quanto o dom de línguas ou os milagres (ver Rm 12.7; 1 Co 12.29; Ef 4.11)!

A cessação do Cessacionismo

Houve um tempo em minha vida em que escrever este livro seria algo impossível. Durante os primeiros quinze anos do meu ministério, fui um cessacionista. Esse termo se refere a alguém que crê que os chamados dons milagrosos do Espírito Santo cessaram no primeiro século. A alegação de que os dons de profecia, falar em línguas, cura, milagres, palavra de sabedoria, palavra de conhecimento e discernimento de espíritos cessaram é uma visão abraçada por muitos integrantes da comunidade evangélica.

É importante que você saiba que eu não rejeitei o cessacionismo porque testemunhei um milagre (embora saiba que para algumas pessoas que me conheciam naquela época, minha mudança de paradigma teológico poderia por si só ser chamada de um milagre!). Rejeitei o cessacionismo porque, na solidão e na segurança do meu gabinete, convenci-me de que a Bíblia não ensinava isso. O propósito deste livro não é descrever minha jornada teológica pessoal, nem apresentar uma defesa da validade de todos os dons espirituais divinos nos dias de hoje. Existem vários livros que fazem um trabalho admirável nessa área, se é disso que você precisa.¹

Permita-me, porém, compartilhar uma percepção crítica. Talvez a parte mais dolorosa dessa mudança teológica específica tenha sido descobrir a razão primordial pela qual durante muito tempo resisti aos dons do Espírito em sua plenitude.

Além dos argumentos bíblicos aos quais recorri, para ser bastante franco, eu ficava envergonhado pela aparência e pelo comportamento em público de muitos daqueles associados a dons espirituais. Eu não gostava da maneira como se vestiam. Não gostava do jeito como falavam. Eu ficava ofendido por sua falta de sofisticação e por sua extravagância arrogante. Ficava perturbado com sua falta de consideração desrespeitosa pela precisão teológica e com suas demonstrações excessivas de exuberância emocional.

Minha oposição aos dons espirituais também era alimentada pelo medo — medo do emocionalismo, medo do fanatismo, medo do desconhecido; medo de ser rejeitado por aqueles cujo respeito eu prezava e cuja amizade eu não desejava perder; medo do que poderia acontecer se eu entregasse totalmente o controle da minha vida, mente e emoções ao Espírito Santo; medo de perder qualquer pequeno *status* conquistado na comunidade evangélica por meio do meu trabalho.

Estou falando do tipo de medo que estimulava uma agenda pessoal que me afastava de tudo que pudesse associar o meu nome ao de pessoas que, segundo eu cria, eram um constrangimento à causa de Cristo. Eu era fiel ao décimo primeiro mandamento do evangelicalismo bibliocêntrico: “Não farás o que os outros fazem inadequadamente.” Em minha soberba, permitira que certos extremistas exercessem mais influência sobre a forma do meu ministério do que o texto das Escrituras. O medo de ser rotulado, conectado ou associado de alguma maneira aos elementos “incultos” e “pouco atraentes” da cristandade contemporânea exerceu um poder insidioso sobre minha capacidade e disposição de ser objetivo na leitura da Bíblia Sagrada. Não sou tão ingênuo a ponto de pensar que minha compreensão da Bíblia agora está livre de influências subjetivas! Mas estou confiante de que pelo menos esse tipo de medo não é mais uma influência.